

## Artigos de Opinião

# Novos Limites e Novos Desafios do Internato de Urologia

Pedro Bargão Santos

Médico Interno do Internato Complementar de Urologia do Hospital Fernando Fonseca  
NCO (*National Communication Officer*) de Portugal na *ESRU (European Society of Residents in Urology)*

### Resumo

A motivação e o interesse dos médicos de Urologia, no âmbito da sua formação, como aliás, de qualquer outra especialidade, passará sempre pela qualificação dos recursos humanos e pelo apoio técnico e pedagógico que lhes for proporcionado e estiver disponível, durante as diferentes fases da formação.

Admite-se que facultando um treino com percurso diversificado entre serviços referenciados, quer no país, quer no estrangeiro, melhor e mais adequadamente se valoriza e consolida o que se aprende, sempre na procura da excelência dos cuidados a prestar.

A cirurgia laparoscópica constitui-se em si mesma, uma diferenciação importante durante a formação, devendo ser introduzida e incrementada sempre que possível.

Por último, o rigor da avaliação final, com base numa apreciação perante a dedicação e o desempenho, considerando a grelha de avaliação existente e o exame do *European Board of Urology (EBU)*, são igualmente aspectos relevantes a discutir.

### Abstract

The urologists motivation and the interest about their education, as like as any other specialty, will always been improved by the qualification of the human resources, and the pedagogical and technical support that will be given and available to them, during the different steps of the education.

Is known that trainings in diversified departments, over the country and abroad, is the best method to improve the knowledge. The goal is always the excellence of care given to the patients.

The laparoscopic surgery is considered as an important differentiation during the residency, and should be taught and developed whenever possible.

The strictness of the final evaluation, based on the performance and dedication of the residents, considering the existing evaluation table and the examination of the *European Board of Urology (EBU)*, are equally relevant aspects to discuss.

No X Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia (APU) que decorreu no Algarve, de 9 a 11 de Outubro passado, foram discutidos vários

temas no âmbito da especialidade e analisadas algumas questões relacionadas com o Internato Médico de Urologia.

Na intervenção que me foi possibilitada, sintetizo algumas dessas questões, a merecerem reflexão, perante a necessidade de encontrar as soluções possíveis e mais adequadas.

## Vagas para a especialidade

A abertura de vagas para ingresso na especialidade em que o denominado “critério político” possa ter tido alguma vez influência, seja na contraoposição ao denominado “corporativismo médico”, de há alguns anos cometido na abertura das mesmas, seja por quaisquer outros desígnios, não é seguramente uma solução aceitável, com consequências negativas a vários níveis.

De facto, a abertura de vagas para uma especialidade tem necessariamente que ver com o quantitativo de especialistas no momento, com as projecções a médio e longo prazo (dez e quinze anos) face aos recursos existentes, com a idoneidade dos serviços para a formação, com a distribuição geográfica das necessidades e naturalmente com o número de Médicos Internos em cada Serviço.

O inerente parecer técnico dos órgãos competentes, na circunstância, do Colégio da Especialidade, parece ser uma questão fundamental, senão mesmo decisiva em termos de avaliação e adequado emprego dos meios.

## A problemática da formação dos Médicos Internos

Em causa e desde sempre, a qualificada formação médica pós-graduada.

Que se pode construir e concretizar tanto, no “ver fazer bem”, como no “ver fazer mal”, perante orientadores de formação, sem real valorização pedagógica.

A frequência de cursos de formação de formadores, na circunstância, os cursos de orientador de formação ministrados pela Ordem dos Médicos, seja por qualquer outra forma, são indispensáveis.

A rotatividade dos orientadores de formação, poderá ser um factor positivo, não só na valorização técnica e profissional, como na própria avaliação dos médicos em formação.

Acresce referir, a inexistência de qualquer remuneração adicional dos Médicos Especialistas em funções de formação dos Médicos Internos.

## Estágios em Serviços Clínicos Portugueses de referência

Questão inevitável, perante a reconhecida complexidade e diferente experiência em áreas cruciais à formação. A valorização será indiscutível se os Médicos Internos puderem participar e conhecer diferentes serviços clínicos onde reconhecidamente existe maior casuística e treino, com idoneidade reconhecida para fins assistenciais, bem como capacidade para formação médica.

A valorização em áreas como a imagiologia urológica, a urodinâmica, a própria investigação e algumas técnicas cirúrgicas como a cirurgia laparoscópica, a cirurgia percutânea renal, a ureterorenoscopia, entre outras, são fundamentais e devem constituir-se como diferenciações técnicas indispensáveis, adquiridas em serviços que as pratiquem.

## Estágios em Serviços Clínicos Europeus de referência

A possibilidade de efectuar estágios em serviços únicos, de reconhecido mérito e fora do país, através dos apoios da *European Association of Urology (EAU)*, constitui um estímulo e merece a nossa maior atenção e interesse, sendo uma meta fundamental à formação.

Na circunstância, existem programas financiados até 3 semanas, com 2 000 euros (*Short term visits*), de 6 semanas a 3 meses (*Clinical Fellowship*), com 4 000 Euros e o *Scholarship for research*, com a duração de 1 ano, com o apoio de 33 000 Euros.

## Os diferentes tempos de formação obrigatórios

Questão que se admite ter alguma subjectividade, seja na consideração de que o tempo de estágio de Nefrologia possa ser, por exemplo, encurtado ou não, assim como os estágios de Cirurgia Plástica e Vascular. Parece no entanto inconteste, que a experiência cirúrgica abdominal e pélvica que se adquire no estágio parcelar de 12 meses de Cirurgia Geral é determinante e exige o melhor e mais continuado conhecimento e prática

efectiva por parte dos Médicos Internos em formação em Cirurgia Urológica. O mesmo se passa com o estágio de Cirurgia Pediátrica, no qual a Urologia ocupa um papel determinante na maior parte das patologias daquela área de especialização.

## **Cirurgia aberta, evidentemente!**

### **Mas e a laparoscopia?**

#### **E a robótica?**

De facto, a curva de aprendizagem da cirurgia laparoscópica é grande e implica que o seu conhecimento e treino se possam iniciar, de forma preferencial, nos últimos anos de formação. Constitui-se uma técnica cirúrgica inquestionável para situações clínicas concretas. A sua divulgação evidencia um percurso cirúrgico complementar indispensável.

A Urologia sendo em si mesma, uma especialidade de aquisição exponencial em novos procedimentos e em crescente aperfeiçoamento técnico, possibilita que a implementação da cirurgia laparoscópica seja uma inevitabilidade e a denominada “cirurgia robótica”, em si mesma, uma referência e uma provável inevitabilidade no tempo.

## **Produção versus formação.**

### **O papel do Médico Interno**

#### **nos Hospitais EPE**

Importará considerar que são raros os momentos em que a formação pode ser produtiva no sentido de quem administra, tendo como preocupação a rentabilidade, valorizando os números, as relações de custo, os quantitativos e o tempo gasto com a formação.

A formação adquirida ao longo da carreira hospitalar e os seus graus de diferenciação, conseguidos no treino sistemático e metódico e no sacrifício de uma aprendizagem demorada e repetitiva é fundamental e sem alternativa, pelo que não pode ser minorada ou desvalorizada.

Tal realidade não significa que se não se considerem as denominadas “vagas carenciadas”, ou se não entendam os “contratos individuais de trabalho”, entre outras questões, resultantes não só da realidade objectiva do presente quadro de necessidades, como do novo formato de preocupações do actual modelo de gestão e administração hospitalar.

A certificação do desempenho é, por seu lado, uma questão inevitável e tem de ser entendida como uma necessidade indispensável à melhor prática clínica.